

O “DRIVE” DAS NOVAS GERAÇÕES NÃO É A CARREIRA NEM O DINHEIRO



OS JOVENS NÃO CONSIDERAM ATRATIVA UMA CARREIRA QUE OS LEVE ATÉ AO TOPO DAS ORGANIZAÇÕES ONDE SE INSEREM. “ENCARAM ESSA HIPÓTESE COMO UMA ENORME DOR DE CABEÇA, TAL NÃO QUER DIZER QUE NÃO TRABALHEM VÁRIAS HORAS E QUE NÃO SEJAM EXTRAORDINÁRIOS PROFISSIONAIS.”

Ana Rita Duarte de Campos, Presidente do Instituto de Apoio aos Jovens Advogados (IAJA)

■ São as chamadas gerações “millennial” e “centennial”, onde se incluem aqueles que há poucos anos entraram ou os que estão a chegar ao mercado de trabalho. São as mesmas gerações de quem se diz que não querem um “emprego para vida”. Antes de tudo, querem conhecer outras realidades, viajar e ter acesso a diferentes experiências profissionais, mesmo que não relacionadas com as áreas da sua formação académica. É mesmo isso que querem ou, no caso concreto dos jovens que se formam em Direito e quem ser advogados, são os entraves às saídas profissionais que os levam a assumir outras opções? Mais do que as dificuldades em aceder a um emprego, o que existe é uma novo paradigma, porque o “drive” das novas gerações não é a carreira e, nalguns casos, nem mesmo o dinheiro.

Ana Rita Duarte de Campos, presidente do Instituto de Apoio aos Jovens Advogados (IAJA) e

membro do Conselho Geral da Ordem dos Advogados (OA), considera que, face às gerações anteriores, os jovens não consideram atrativa uma carreira que os leve até ao topo das organizações onde se inserem. “Encaram essa hipótese como uma enorme dor de cabeça, uma pressão insuportável. Tal não quer dizer que não trabalhem várias horas e que não sejam extraordinários profissionais. Não querem é viver em função da ideia de que chegaram ao topo e que têm a melhor casa e o melhor carro ou que são as pessoas mais bem-sucedidas da sua família. Isso para eles é relativo”, considera.

O presidente da Associação Nacional de Jovens Advogados Portugueses (ANJAP), Filipe Bismark, acredita que “poucos jovens advogados queiram um ‘emprego para a vida’”, “pois olham para o mercado de trabalho e sabem que é benéfico terem várias experiências laborais, em áreas e conceitos de trabalho

diferentes, para se tornarem profissionais mais versáteis e completos”.

MAIS DO QUE UMA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Manuel Ximenes, presidente da Associação Académica de Direito da Universidade Católica de Lisboa, recorre à experiência que recolhe dos seus contatos diários na faculdade onde estuda. “Aquilo que vejo muito nos meus colegas que já concluíram a licenciatura é que de facto a pressa para começar logo a trabalhar não é tanta como esperaria. Sinto que muitos alunos preferem ter mais do que uma experiência profissional antes de decidirem, com certezas, aquilo que querem fazer”. Além disso, sublinha, muitos optam por completar a formação académica fora do País.

O jovem estudante diz não acreditar que os entraves à entrada na profissão sejam aquilo ...

MESTRADOS DIREITO

2019 | 2020



CATÓLICA
FACULDADE
DE DIREITO

ESCOLA DE LISBOA

www.fd.lisboa.ucp.pt
mestradosdireito@fd.lisboa.ucp.pt
Telefone 217 214 174

ADMINISTRATIVO **CATÓLICA
GOV**

PARCEIRO
Sérvulo & Associados

DIREITO E GESTÃO



LAW & BUSINESS

PARCEIROS
CMS - Rui Pena & Arnaut | KPMG |
Uría Menéndez - Proença de Carvalho |

EMPRESARIAL

PARCEIRO
VdA - VdA Academia

FISCAL **CATÓLICA
tax**

PARCEIRO
PLMJ

FORENSE

PARCEIROS
CMS - Rui Pena & Arnaut | KPMG | PLMJ | Sérvulo &
Associados | Uría Menéndez - Proença de Carvalho |
VdA - VdA Academia |

que faz as novas gerações optar por viajar e experimentar várias saídas profissionais, “até porque que a maioria dos alunos já sabe que vai ter de enfrentar os mesmo [problemas] ao optar pelo curso de Direito”, frisa.

Ana Rita Duarte de Campos partilha a mesma perspetiva. Sustenta, aliás, que as novas gerações querem dedicar-se a algo de onde retirem significado. “Querem mudar de país, querem fazer outro curso, querem viajar e querem até sair da profissão”. Segundo esta dirigente da OA, numa análise comparativa feita nos últimos cinco anos entre o número de advogados que fizeram o estágio e se inscreveram na Ordem, desde o ano de 2013 e até dezembro de 2018, em média, 19 a 20% saíram.

SÉRIOS PROBLEMAS PARA O FUTURO

Para a presidente do IAJA, esta é uma realidade que coloca sérios problemas ao futuro dos escritórios. “As sociedades de advogados constituem-se para estar cá daqui a 50 anos com a mesma cultura. Se aquilo que foi contínuo desde os ‘baby boomers’ [e para a geração que antecede os ‘millennials’] começa a abanar, quando chegar a geração seguinte a situação complica-se ainda mais, porque os escritórios precisam de se renovar”, Ana Rita Duarte de Campos.

As remunerações que os mais jovens auferem será uma razão para as escolhas que fazem? A presidente do IAJA refuta esta ideia. “Pelo menos em Lisboa, os vencimentos estão relativamente estabilizados nos últimos anos. Estamos a falar de pessoas que entram no mercado de trabalho, que são os melhores alunos, pessoas que saem das melhores faculdades e que vão para escritórios de advogados com maior volume de trabalho e com maior capacidade para lhes pagar. Estamos a falar de montantes de ingresso de estagiários entre os 1.800 e os 2.200 euros. O ‘drive’ destes miúdos não é o dinheiro”, sentencia a dirigente da Ordem dos Advogados.

UMA OUTRA REALIDADE NO INTERIOR

Ser um jovem advogado numa sociedade de Lisboa ou do Porto é contudo uma realidade diversa de quem trabalhe num escritório no interior do país. Filipe Bismark frisa que são realidades muito diferentes, devido ao tipo de clientes que uns e outros têm e aos problemas que esses clientes apresentam. “Atualmente, a advocacia tem inúmeras vertentes e especializações diferentes. Mesmo dentro da mesma sociedade de advogados o trabalho que um advogado faz pode nada ter a ver com o trabalho que o colega de secretária executa. Acredito que o importante é todos terem consciência

desta diversidade e da sua importância e que nos mantenhamos unidos na defesa da profissão e na deontologia que a todos se aplica”, sublinha o presidente da Associação Nacional dos Jovens Advogados Portugueses (ANJAP).

Já o dirigente associativo Manuel Ximenez considera que fora de Lisboa e do Porto, no interior de Portugal, a oferta de emprego não é tão boa. “Lisboa e Porto são sem dúvida onde há o melhor mercado para um jovem advogado”, sublinha.

A presidente do IAJA reconhece os problemas com que se defronta um advogado no interior do País, em início de carreira, em que a maioria das pessoas consegue ter um advogado apenas através do sistema de acesso ao Direito. “Colocando de parte Porto, Lisboa, Coimbra ou Braga, o resto do país é uma variável muito à parte e sempre foi, mais agora com o acréscimo desta geração ter outras perspetivas de vida”, enfatiza Ana Rita Duarte de Campos.

A mesma responsável sublinha que as dificuldades existentes resultam em muito do mercado da advocacia em Portugal. “É um mercado muito pequeno, muito desigual e fora das grandes cidades é muito complicado ser advogado”, conclui. ■

